

Das margens ao museu: narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

From the margins to the museum: LGBT expographic narratives in southern Brazil

Elisângela Silveira de Assumpção¹
Zita Rosane Possamai²

DOI 10.26512/museologia.v1i121.41791

Resumo

Este artigo aborda as práticas de Museologia LGBT, levadas a efeito pelo *nuances* - Grupo Pela Livre Expressão Sexual, curadores docentes e estudantes do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Analisa a curadoria compartilhada como recurso que tornou possível a concepção e a montagem das Exposições *Uma Cidade pelas Margens*, *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* e *50 Anos de Ação: de Stonewall ao nuances & TAMBÉM*. O estudo sobre essas exposições pautou-se pela pesquisa documental no acervo do grupo, além da realização de entrevistas semi-estruturadas com os participantes do processo. A pesquisa concluiu que a interação entre sujeitos do campo Museal e membros do grupo LGBT investigado proporcionou benefícios em duas frentes: por um lado, desafiou docentes, estudantes e gestores para a inclusão de pautas LGBT nas ações museológicas e, por outro lado, proporcionou à comunidade LGBT maior visibilidade de suas problemáticas e de suas memórias.

Palavras-chave

nuances; memórias LGBT; exposições; expografia; Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract

This article aim analyse the practices of LGBT Museology, carried out by the *nuances* - Group for Free Sexual Expression, curators and students of the Museology Course at the Federal University of Rio Grande do Sul. Shared curation was the resource that made it possible to design and assemble the Exhibitions *A City by the Margins*, *From Stonewall to nuances: 50 Years of Action* and *50 Years of Action: from Stonewall to nuances & TAMBÉM*. The study of these exhibitions was guided by documentary research in the group's collection, in addition to conducting semi-structured interviews with the participants of the process. The research concluded that the interaction between subjects from the Museum field and members of the investigated LGBT group provided benefits on two fronts: on the one hand, it challenged teachers, students and managers to include LGBT agendas in museum actions and, on the other hand, it provided the LGBT community greater visibility of its problems and memories.

Keywords

nuances; LGBT memories; exhibitions; expography; Museology Course the Federal University of Rio Grande do Sul

O importante é (se) expor

Associar museus e movimentos LGBT se constitui em exercício de criar ressignificações e problematizações de temas considerados tabus sociais, mesmo atualmente. Através de debates, exposições e ações educativas, as instituições museológicas proporcionam uma forma de legitimidade para construção e visibilidade das memórias LGBT, em concordância com Jean Baptista e Tony Boita (2017) ao proporem que

¹ Graduanda do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em História, Docente Associada dos Programas de pós-graduação em Educação e do Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

articular a relação entre a memória LGBT com museus e o patrimônio é, antes de tudo, uma ação cidadã interessada em colaborar na superação de fobias à diversidade sexual impregnadas na cultura nacional. Os profissionais de museus que assim o fazem, associam a questão do patrimônio, reconhecendo que a presença LGBT é importante e significativa para a construção do país, seja às personalidades históricas, seja ao retrato de lutas comunitárias. (BAPTISTA; BOITA, 2017: 111)

Nessa perspectiva, constrói-se espaço para que histórias sejam escritas por personagens, até então jogados às margens. Esse movimento propicia, por um lado, que outras memórias sejam abordadas pelas exposições museológicas, ao romper com as narrativas de personagens consagrados pela memória histórica e, por outro lado, que esses sujeitos compartilhem seus saberes, desejos, modos de vida, subjetividades e, principalmente, as violências presentes em seus cotidianos. Nesse sentido, valorizamos a perspectiva de uma museologia LGBT baseada em pesquisa junto a essa comunidade, bem como preservando seu acervo para a ampliação da significância de sua trajetória nesta sociedade, promovendo a autorrepresentação (CURY, 2021) neste espaço.

A pesquisa que embasa esse artigo teve como corpus documental os registros escritos, materiais e imagéticos reunidos pelo grupo *nuances* ao longo de sua existência de 28 anos, parte dos quais disponibilizados pelo Centro de Referência da História LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul - CLOSE, através do repositório digital Tainacan. Ainda foram consultados os documentos das ações museográficas reunidas pelo Projeto Memória da Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também foram realizadas entrevistas com curadores e curadoras da exposição, de modo a aproximar as pesquisadoras de informações e das percepções dos sujeitos envolvidos no processo.

Lembrar para nunca esquecer

A memória LGBT tem emergido entre as preocupações de grupos militantes e também entre os profissionais da Museologia. No Brasil, a forte atuação pública expressa em ações, tais como a Parada do Orgulho Gay, tem gerado uma profusão de imagens e registros que encontra correspondência no “[...] desejo de representação e (na) necessidade de preservação dos registros, momentos e conquistas” (BOITA, 2018: 27). A atenção à sua própria memória é preocupação do coletivo *nuances*, cuja atuação iniciou-se em 1989, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Desde suas primeiras manifestações públicas, seus líderes anteviram a necessidade de registrar as falas LGBT e de preservar os registros produzidos ao longo de sua atuação. Nesta direção, se deu o ato de registrar, de preservar e de divulgar as lutas do grupo, através do exercício de ações expográficas, constituídas pelas vozes dos coletivos, das minorias mantidas, ou que se mantém, “às margens” (GOLIN, 2021).

Desse modo, no decorrer dos primeiros 25 anos de atuação, o grupo realizou experimentações expográficas, nas quais apontavam que o intuito de construir uma memória tem o sentido de lembrar para não repetir e nem sucumbir ao retrocesso, tanto nas causas voltadas à saúde da população LGBT, uma de suas principais bandeiras, quanto na compreensão das faces da cultura da diversidade. Assim, uma das formas de atuação pública do *nuances*, as exposições, corroboram a ideia de que “[...] iniciativas no campo da arte e da cultura LGBT agregam inovações importantes na construção de estratégias inovadoras de transformação social e enfrentamento público” (MACHADO; MATTOS, 2017: 16).

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

Muito antes de iniciar o diálogo com o Curso de Museologia da UFRGS, o grupo *nuances* organizava exposições, mostras e eventos a fim de promover e legitimar as suas reivindicações. A partir dessas ações foi-se forjando um patrimônio cultural constituído por processos de socialização entre os indivíduos, os movimentos e as comunidades, processos que resultaram na “produção cultural humana, seja ela material ou imaterial” (BAPTISTA; BOITA, 2017: 137).

O *nuances* atua contrariamente à ausência de patrimônio, de espaços, de territórios, de modos de ser e de saberes desenvolvendo ações contundentes a fim de romper com a prática de vulnerabilidade social deste grupo (BAPTISTA; BOITA, 2017). Nesse sentido, pode-se dizer que instituiu um *locus museal*, na constituição de lugares sociais, culturais, políticos e econômicos diferenciados que se ancoram em perspectivas museológicas específicas e singulares (STORINO; PRIMO; CHAGAS; ASSUNÇÃO, 2018), e assim traçar novos percursos que designam lugares, onde os públicos estão ou querem estar, a fim de romperem com os princípios heteronormativos, através de muita criatividade e ousadia.

Ao longo do tempo, esse coletivo montou exposições fotográficas, das capas do Jornal *nuances*, de *banners*, afixou cartazes pela cidade, realizou debates e exibição de filmes, promoveu campanhas de conscientização dos públicos para a questão LGBT, ações que suscitaram as “[...] capacidades de poder-agir, poder-fazer, poder-dizer, poder designar, poder narrar e poder imputar [...]” (RICOEUR, 2008: 31), nas quais exaltavam a experiência dinâmica do poder-ser de modo reflexivo e dialógico (RICOEUR, 2008: 31).

No contexto museológico, a exposição é um dos principais procedimentos da comunicação, concebida como “[...] apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções [...] e como o acesso aos objetos que compõem as coleções [...]” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014: 27). Através de mecanismos discursivos é elaborada uma narrativa de forma que o visitante se aproprie e crie percepções e saberes de modo individualizado e único. Nessa operação, a equipe do museu ou a curadoria tem exclusividade da autoridade da autoria e da fala sobre o conteúdo abordado (CURY, 2006). Entretanto, atualmente, os museus tem dado abertura para curadorias compartilhadas (LEITZKE; POSSAMAI, 2014) ou colaborativas (RUSSI; ABREU, 2019) entre profissionais da instituição e diferentes grupos sociais, prática frequente especialmente nos museus etnográficos ou que possuem coleções dos povos originários (MELO; POSSAMAI, 2021).

No caso aqui investigado, caracterizamos como curadoria compartilhada, entre os componentes dos *nuances* e os profissionais da Museologia, o processo que envolveu concepção e montagem das exposições *Uma Cidade pelas Margens* (2016), *De Stonewall aos nuances: 50 Anos de Ação* (2019) e *50 Anos de Ação: de Stonewall aos nuances & TAMBÉM* (2019). Na sequência, vamos conhecer como tais práticas expográficas foram ativadas em benefício da visibilidade LGBT.

Rompendo o limite das margens

Em 2016, o *nuances* protagonizou a organização da exposição intitulada *Uma Cidade pelas Margens*, no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, localizado no Bairro Cidade Baixa, na capital gaúcha, com a participação de outros parceiros, tais como docentes e estudantes do Curso de Museologia e pesquisadores acadêmicos. Além da mostra, o evento proporcionou debates sobre trajetórias, histórias e memórias LGBT, além de questões ligadas à saúde, à educação e à assistência jurídica aos seus membros.

A iniciativa de realização da mostra partiu da diretora da instituição, Letícia Bauer, e teve como argumento central “pensar qual o lugar ocupado pela população LGBTT na cidade de Porto Alegre, a partir do século XX” (GIOVANAZ, 2019: 433), que orientou o “[...] processo de negociação discursiva estabelecida dentro de um grupo múltiplo de representantes” (GIOVANAZ, 2019: 434), propiciando a experimentação em curadoria compartilhada entre os movimentos LGBT, os agentes do museu e da universidade. Conforme Letícia Bauer, o processo de elaboração exigiu “[...] reuniões sistemáticas, [...] os textos passaram por todo mundo, a escolha do cartaz passou por todo mundo, textos foram elaborados, todo mundo lia, retornava, e esse processo vai ganhando a cara de um coletivo” (BAUER, 2021).

Assim, com o intuito de ampliar o exercício de apresentar e representar a memória LGBT no contexto museológico, foram acionados conjuntamente outros atores importantes no cenário desses movimentos, tais como a Liga Brasileira das Lésbicas do Rio Grande do Sul (LBL RS), Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do RS, Memorial do Tribunal Federal do RS, Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, Programa de Pós-Graduação em História e Curso de Museologia, os quatro últimos vinculados à UFRGS (GIOVANAZ, 2019), ampliando, consequentemente, o acervo material e imaterial a ser utilizado pela exposição.

Nessa experiência de curadoria, segundo Letícia Bauer, “[...] o museu não tem autoridade da fala exclusiva [...], uma autoridade compartilhada foi importante”, pois as pautas apresentadas pelos movimentos LGBT representam cotidianamente vivências e experiências desses sujeitos. A diretora do museu relata as dificuldades de acesso ao acervo tridimensional devido a não salvaguarda sistemática de objetos ligados ao universo LGBT em instituições museológicas (BARNART; BAUER, 2017), fato que revela o persistente silenciamento sociocultural dessa comunidade, “esse silenciamento reflete diretamente na ausência de acervos claramente associados ao universo LGBTT” (BARNART; BAUER, 2017: 441).

Ao mesmo tempo, a importância dos acervos pessoais de travestis, a montaria, termo contemporâneo utilizado para definir o figurino (BARNART; BAUER, 2017: 446), por exemplo, não estava disponível “[...] uma vez que a maioria das entrevistadas alegou ter se desfeito dos vestidos e adereços mais antigos” (BARNART; BAUER, 2017: 446). Tais acervos se fazem necessários na constituição das coleções LGBT, pois pertencem ao universo performático desta comunidade (BAPTISTA; BOITA; WICHERS, 2020: 6). Contudo,

as coleções de imagens [fotográficas] do acervo pessoal de Marcelly Malta Presidenta da Associação Igualdade, e de Maythe, militante do Nuances, por exemplo, trazem uma retrospectiva riquíssima dos lugares, das personalidades, da moda e dos “babados” da vida das travestis e mulheres transexuais ao longo do tempo em Porto Alegre. (BARNART; BAUER, 2017: 445)

Desse modo, a exposição foi composta por “[...] fotos, jornais, convites, cartazes e *folders* de festas, atos políticos e campanhas, especialmente do Nuances e da LBL-RS [...]” (BARNART; BAUER, 2017: 445). Coube ao museu recorrer ao seu próprio “acervo fotográfico e tridimensional, em especial a coleção sobre Carnaval, festa relevante para a narrativa da exposição [...]” (BARNART; BAUER, 2017: 446), e também ao “[...] acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa” (BARNART; BAUER, 2017: 446), a fim de buscar jornais da época. Contudo,

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

após diferentes arranjos e muitas ideias, foram dois os eixos definidos para estruturar a exposição de curta duração: de uma parte, a mostra explorou a trajetória de pessoas e organizações que protagonizaram a luta pela visibilidade e pelo direito à diversidade em Porto Alegre, tendo como ponto de partida o entendimento de que a defesa dos direitos humanos da população LGBTTT é condição fundamental para a cidadania plena. (BARNART; BAUER, 2017: 446)

O arco-íris foi utilizado como símbolo LGBT em diversos núcleos e como identidade visual da exposição a fim de manter uniformidade à mensagem que estava sendo transmitida aos visitantes (Figura 1).

Figura 1 - Sala Expositiva no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo



Fonte: Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo - Foto: Guilherme Lund, 2016

A mostra abordou a territorialidade, no núcleo *Quando a Margem está no Centro*, como componente fundamental para a comunidade LGBT. A equipe de curadoria “[...] cartografou a cidade sob esta perspectiva, identificando espaços públicos e privados de sociabilidade fundamentais para a construção dessa narrativa” (BARNART; BAUER, 2017: 446), e materializou os resultados dessa pesquisa através da identificação de tais lugares em um mapa da zona central de Porto Alegre. Desse modo, foi elaborada uma cartografia da cidade com os espaços de sociabilidade fundamentais para a construção da narrativa (GOLIN, 2017), bem como, “[...] a trajetória de pessoas e organizações que protagonizaram a luta pela visibilidade e pelo direito à diversidade em Porto Alegre” (GOLIN, 2017: 86).

Neste sentido, a estratégia expográfica proporcionou uma ampliação da pesquisa, em que subjetivamente o público visitante foi instigado a compartilhar seu conhecimento através de um movimento colaborativo, gerando mais dados aos pesquisadores que desejarem aprofundar essa temática.

A equipe de mediação da exposição foi formada pelo Setor Educativo do Museu e pelos acadêmicos do Curso de Museologia da UFRGS (BARNART; BAUER, 2017), que recepcionavam o público na sala em que a exposição estava montada (GIOVANAZ, 2019). Os mediadores realizavam registros, orientações, bem como, coletavam suas impressões, diariamente, em um Caderno de Campo (GIOVANAZ, 2019) como prática comunicativa entre todos que trabalhavam no evento, com intuito de proporcionar melhor fruição da dinâmica expositiva.

Ao percorrer o circuito expositivo, no sentido anti-horário, o primeiro núcleo intitulado *O Movimento das Margens*, era constituído por um grande painel com uma “uma grande linha do tempo [...]” (GIOVANAZ, 2019: 437) e imagens em que o conceito-chave foi a LGBTfobia (BARNART; BAUER, 2017). Assim, a mostra trouxe para o universo museal os dois extremos dessa temática, os LGBTfóbicos e a comunidade LGBT, que está em constante ameaça de morte. Certamente,

a imprescindibilidade de posicionar-se diante de tais injustiças e discriminações sociais; a importância de se utilizar a historiografia e a museologia como mediadores entre o passado e o presente no que condiz às relações de gênero, de maneira que não haja normativas e violências sociais que busquem reduzir a pluralidade de corpos, identidades e desejos em binarismos falaciosos e nocivos. (TEDESCO, 2018: 44)

Considerado como final do percurso expositivo, “[...]” foi reservado um espaço para a projeção de vídeos produzidos pelo projeto *História de Vida e Ação Política [...]* (BARNART; BAUER, 2017: 454), sobre três personalidades relevantes “na história do movimento LGBTTT do Rio Grande do Sul: Volmar Santos, fundador da Coligay [...]; Marcelly Malta, presidenta e fundadora da Igualdade em 1999; Célio Golin, ativista [nuanceira] e fundador do primeiro grupo guei do movimento social LGBTTT do Estado” (BARNART; BAUER, 2017: 454).

Os visitantes assistiam à apresentação que passava “em *looping* durante todo o período da mostra” (BARNART; BAUER, 2017: 454), propondo indiretamente uma reflexão sobre projetos de vida e de militância com a perspectiva dos movimentos sociais, particularmente o LGBT.

Dar visibilidade às minorias tende a enriquecer os processos expositivos, bem como, diversificar os tipos de expressão. Neste sentido, criar novas configurações expositivas geram dinamismo e atualidade às instituições (MINON, 2013). Assim, foi observada uma mudança no público do museu, conforme Letícia Bauer: “percebemos que essa exposição teve uma visitação de público espontâneo muito legal [...], as pessoas foram na primeira semana depois da inauguração tinha sempre gente visitando, que não era do grupo agendado, não era da escola agendada [...]” (BAUER, 2021).

O retorno positivo obtido com uma exposição através da visitação dos diversos públicos, demonstra seu interesse na referida temática, e, principalmente, desperta a visitação espontânea, ou seja, de pessoas que receberam indicação de um amigo, das mídias, etc e tiveram despertadas emoções, interesse, curiosidade, surpresa, entre outras vivências. Além da boa aceitação do público e ampla divulgação espontânea são consequências de um processo de pesquisa curatorial, gerando fluidez no projeto expográfico; sendo resultado das etapas de reuniões com os coletivos, determinação de acervo, entrevistas, diversas ações que são convertidas em elementos expográficos e produzem uma narrativa carregada de conhecimento.

Unir a Museologia e o Movimento LGBT “[...]” teve impacto maior dentro próprio campo, por isso reforço o trabalho da gestão de Letícia Bauer que mostrou que era possível colocar isso em prática” (GIOVANAZ, 2021), ou seja, proporcionar uma troca de saberes entre dois universos que convergem para um mesmo fim, o bem-estar comum, ampliar os conhecimentos e ampliar as relações. Pois essa confluência “[...]” produziu um debate com o curso de História, com o curso de Museologia, com os funcionários do próprio Museu [...] de como valorizar, de como ampliar esse discurso identitário (GIOVANAZ, 2021).

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

Neste sentido, Letícia Bauer diz que “esse trabalho [...] foi muito afinado [...] todo mundo aprendeu um monte, [...] o resultado final foi bem recompensador” (BAUER, 2021).

50 anos de ação LGBT

No ano de 2019, o grupo *nuanças* foi o cerne da Exposição *De Stonewall ao nuanças: 50 Anos de Ação*, que contou novamente com a curadoria compartilhada entre membros do coletivo e acadêmicos do curso de Museologia da UFRGS, sob coordenação das professoras Marlise Maria Giovanaz e Ana Carolina Gelmini de Faria e com a assessoria do Museólogo Elias Machado, coordenador do Laboratório de Criação Museográfica (CRIAMUS-UFRGS). Nas palavras de Marlise Giovanaz:

[...] tem muita coisa acontecendo e a universidade tem que dar mais ouvidos para os movimentos sociais, pensar esse diálogo com a sociedade que já está fazendo tanta coisa que não tem fins lucrativos, mas que fala de direitos, conquistas sociais que são muito importantes. (GIOVANAZ, 2021)

Segundo as coordenadoras da curadoria, no exercício da expologia optou-se por conduzir o visitante em uma narrativa cujo ponto de partida situava-se no ano de 1969, marco internacional LGBT, por fazer referência à Revolta de *Stonewall* que completara seu cinquentenário em 2019 (FARIA; GIOVANAZ, 2019). Segundo Marlise Giovanaz “é preciso conscientizar os(as) alunos(as) e o público da necessidade de promover um discurso inclusivo sobre a memória e também sobre o futuro” (FARIA; GIOVANAZ, 2019: 41), com intuito de valorizar essas temáticas nos espaços museológicos, a fim de que estes também se tornem referência de ações inclusivas.

A exposição foi sediada pelo Memorial do Rio Grande do Sul que acolheu uma composição cenográfica, bem como, o próprio acervo do grupo, cujos escritos, objetos e imagens registram as memórias da sua atuação na cultura LGBT do Rio Grande do Sul e da capital. Por isto, “cada elemento que compôs a narrativa (acervos e recursos expográficos) foi selecionado e articulado para propor um argumento cultural combativo ao preconceito” (FARIA, GIOVANAZ, 2019: 29).

Ainda como estratégia expositiva, a curadoria dividiu a exposição em três núcleos, cujo projeto expográfico foi realizado em maquete virtual, conforme pode ser visualizada na Figura 2, a maquete do Bar *Restaurant Stonewall Inn*.

FIGURA 2 - Maquete Virtual do Bar da Exposição



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Projeto: Nicholas Aguirre, 2019

Ao entrar no Núcleo I (Figura 3), se via a reprodução da parte interna do *Bar Restaurant Stonewall Inn* e painéis explicativos sobre o ocorrido nos Estados Unidos e suas repercussões pelo mundo, através de plotagens de um mapa mundi e de diversas imagens fotográficas relativas às marchas e aos protestos desencadeados em outros países.

Figura 3 - Núcleo I: O Bar Restaurant Stonewall Inn



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Ronaldo Milanez, 2019.

No segundo núcleo, o recurso expográfico teve como finalidade gerar interação com o visitante: um expositor de jornais (Figura 4) convidava o público a conhecer a literatura e os textos sobre a temática, veiculados na época pelo *Jornal Lâmpião da Esquina*, primeira mídia brasileira com a temática LGBT que teve circulação nacional entre 1978 e 1981. A publicação destacava personagens marginalizados e denunciava violências homofóbicas em tom picante e debochado. Fundado na cidade do Rio de Janeiro por João Antônio de Souza Mascarenhas, pelotense, e João Silvério Trevisan, entre outros escritores cariocas.

Figura 4 - Expositor das Edições do *Jornal Lâmpião da Esquina*



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Ronaldo Milanez, 2019.

Ainda neste núcleo, foi exposta a primeira edição da obra *Devassos no Paraíso* de autoria de João Silvério Trevisan, publicada em 1986 e considerada o primeiro livro brasileiro sobre a temática LGBT. O autor prestigiou a abertura da Exposição e foi fotografado junto ao seu livro (Figura 5).

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

Figura 5 - João Silvério Trevisan ao Lado do seu Livro e Imagem Fotográfica de 1987



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Keila Simpson, 2019.

No núcleo seguinte, via-se ao alto uma faixa em pano com a inscrição: *nuances - Rompa o Silêncio* (Figura 6), instrumento utilizado pelo coletivo nas manifestações por reivindicações relacionadas à AIDS e ao HIV; na sequência, diversos textos que relatavam o início dos movimentos LGBT no Brasil.

Figura 6 - Faixa Utilizada pelo Grupo em Manifestações Sobre AIDS



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Ronaldo Milanez, 2019.

No terceiro núcleo, a apresentação do grupo se deu através de um texto-resumo de resistência dos nuances em sua trajetória na militância LGBT. A ambiência foi composta com a Bandeira do Orgulho Guei, que contém o nome *nuances* na listra amarela (Figura 7).

Figura 7 - Abertura do Núcleo 3



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Ronaldo Milanez, 2019.

Delimitando os subnúcleos foi utilizado recurso expográfico de aparadores-vitrines que abrigavam objetos do grupo que poderiam ser manuseados pelos visitantes, intercalados com painéis expositivos contendo imagens fixadas de forma assimétrica, como um mosaico (Figura 8).

Figura 8 - Aparador-vitrine no Último Subnúcleo do Núcleo 3.



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS, 2019.

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

No primeiro subnúcleo, *Reação*, a mensagem transmitida abordou as conquistas judiciais do grupo, bem como sobre as conquistas relativas a alterações em leis que atendessem melhor a população LGBT, no que tange à segurança pública e à previdência social. No subnúcleo *Educação* o grupo *nuances* apresentou aos públicos seus projetos educativos que defendem os direitos humanos da comunidade LGBT e que receberam apoio das Secretarias de Educação e Cultura, bem como do Programa Brasil Sem Homofobia do Governo Federal. O Projeto Gurizada do Barulho (2001-2008) é exemplo dessas ações (Figura 9), o qual refere-se à importância de defender os direitos humanos através da educação, e à ideia de que partindo da diversidade proposta se conquistam direitos na sociedade.

Figura 9 - Projeto Gurizada do Barulho



Arte de Luís Gustavo Weiler e livro "Saindo do Armário e Entrando em Cena - Projeto Gurizada", 2004. Acervo nuances.

Fonte: Livro *nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma.* - Arte: Luís Gustavo Weiler, 2004.

O subnúcleo *Participação* abordou as manifestações que o *nuances* apoiou, tais como marchas ao lado dos movimentos negros, estudantis, professores, diversas categorias de trabalhadores porto-alegrenses, nas quais assumiu o lugar de entidade representativa da diversidade social. O subnúcleo *Conscientização*, apresentou reflexões sobre saúde, principalmente sobre enfrentamento do HIV/AIDS e contra o silenciamento sobre o tema, com campanhas como *Suando a Camisinha*, *Prazer Não Tem Idade* (Figura 10), entre outras.

Figura 10 - Campanha Prazer Não Tem Idade: Embalagem de Camisinha



Fonte: Livro *nuances 25 anos. Uma trajetória inconformada com a norma.* Arte: Luís Gustavo Weiler, 2002.

O subnúcleo *Inovação* abordou a importância da criatividade em se falar de assuntos importantes para a sociedade gaúcha, como sexo na terceira idade, lazer LGBT, entre outros. Os traços do artista Luís Gustavo Weiler personificaram as causas da comunidade LGBT de modo a promover a equidade na comunicação, pois assim, qualquer indivíduo seria capaz de compreender o que estava sendo compartilhado e a importância para um bem-estar comum. O terceiro núcleo fecha com o subnúcleo *Celebração*, em comemoração aos 28 anos de um percurso com muitos êxitos em prol da comunidade LGBT.

Ao final deste núcleo, reservou-se um espaço para a interatividade com os visitantes, propondo uma prática recorrente em eventos do grupo, ou seja, criou-se e disponibilizou-se plaquinhas, neste caso, com os dizeres ousados e irreverente utilizados pelo coletivo, tais como “*Não seja uma Alice, lute contra o preconceito!, Joga o picumã na cara do preconceito e chuta a porta do armário, Não te faz de Greta, vem pra descolândia!, Mais respeito com as Irenes! Elas lutaram no passado para você ter direitos no presente, Acuenda, viado! Você tem direitos, pode dar pinta à vontade!*” A partir daí, os visitantes escolhiam a que melhor lhes identificassem, e no momento seguinte, posavam para uma foto, um selfie, tendo como plano de fundo um painel com a imagem que representa a diversidade, no acervo do grupo, para, enfim, registrar sua visita ao evento e estima ao *nuances* - Grupo Pela Livre Expressão Sexual.

Ao final da sala, ainda no núcleo 3, chegava-se à sala de cinema (Figura 11) em que eram exibidos, em forma de *looping*, um total de oito projeções entre filmes e documentários sobre a temática LGBT e a Revolta de *Stonewall*. Ao todo, a programação audiovisual contemplava em torno de 3h e 30 min, em ampla diversificação da temática.

Figura 11 - Sala de Projeção de Filmes e Documentários da Exposição ao Final do Núcleo 3



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS - Foto: Ronaldo Milanez, 2019.

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

A curadoria compartilhada criou uma narrativa expográfica sobre o contexto político e social do momento, bem como sobre ameaças virtuais contra a vida. E também evidenciou que a trajetória do *nuances* sempre foi pautada pelo respeito à existência alheia e pelos direitos civis. Considerando os desafios superados, essa exposição trouxe um público visitante de grande vulto; no Livro de Registro foram registradas mais de 3.000 assinaturas, num período inferior a 30 dias e fora de período escolar, ou seja, público espontâneo, atraído através de mídia e redes sociais, ou da indicação de visitante que já havia tido a sua experiência.

Profissionais da Museologia trabalhando com os coletivos, com os profissionais do design, com os profissionais da instituição promoveram um resultado com tal qualidade que as ideias se ampliaram e não se resumiram naquele instante. A equipe foi composta por nove curadores por parte do *nuances*, 17 curadores por parte da Museologia da UFRGS, e ainda a parte diretiva da Instituição, bem como, da Secretaria Estadual da Cultura, órgão mantenedor do Memorial do Rio Grande do Sul.

Isto posto, percebe-se a relevância para o grupo *nuances* de salvar seu acervo e promover iniciativas a fim de que suas ações não caiam no esquecimento. Ao considerar essa preocupação com suas memórias, o coletivo passa a incluir em seus projetos de editais tal recurso financeiro, determinando a exposição como mais uma ação do grupo (GIOVANAZ, 2021). Nesse sentido, é importante ressaltar que a exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* foi realizada com recursos resultantes da ação na justiça impetrada pelo coletivo LGBT contra o Santander Cultural pelo fechamento da exposição Queer Museum. O *nuances*, desse modo, enveredou por ações de efeito simbólico relevantes, além das reivindicações por saúde e segurança aos LGBTs.

Pelotas, mais uma oportunidade de dar voz às minorias marginalizadas

A montagem executada primeiramente em Porto Alegre, em junho de 2019, ganhou nova configuração intitulada *50 ANOS DE AÇÃO: DE STONEWALL ao nuances & TAMBÉM* foi inaugurado em 22 de novembro de 2019, na programação da Semana da Diversidade de Pelotas, localizada no extremo sul do Estado. Foi uma ação conjunta entre o *nuances*, a ONG TAMBÉM e outras entidades ligadas ao movimento LGBT de Pelotas, como o Núcleo de Gênero e Diversidade (NUGEN), além dos cursos de Bacharelado em Museologia pertencentes à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), além do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A mostra foi recebida na Sala Frederico Trebbi, cujo local recebe diversas exposições, em sua maioria de caráter artístico e científico, bem como ações culturais, na sede da Prefeitura Municipal de Pelotas. Célio Golin, líder do *nuances*, declara “que estar em um local de poder público significa legitimar uma pauta marginal, retirar as questões LGBT das margens e as colocar no centro da discussão” (MARTINS, 2021: 50).

Os núcleos se assemelhavam à montagem anterior na capital. Porém, foram agregados textos com enfoque em questões políticas e sociais personificadas em figuras públicas conhecidas e com voz militante da comunidade LGBT pelotense. Protagonistas pelotenses tiveram visibilidade através dos recursos expositivos, tais como cartazes, plotagens em painéis, recursos interativos (bilhetinhos escritos em papéis coloridos), bandeiras em tecidos, bem como manequins com vestimentas pertencentes à ONG TAMBÉM (Figura 12).

Figura 12 - Exposição 50 Anos de Ação: de Stonewall **ao nuances** e **TAMBÉM**



Fonte: MARTINS, 2021 - Foto: Maria Waleska Peil Martins, 2019.

Os entrelaçamentos de histórias entre a cidade de Pelotas e de Porto Alegre serviram de argumento expositivo, como por exemplo, a vida de Pompílio de Freitas (MELO; NARESSI; LUCENA, 2020), estilista de trajes e fantasias de carnaval, cidadão honorário pelotense, cujo caminho se cruzou com o coletivo porto-alegrense, em entrevista concedida ao *Jornal nuances* em 2000.

Por outro lado, a DJ Helô, personagem pelotense no contexto expositivo, atuante nas *pick-ups* desde a década de 1980, mulher negra, lésbica e pobre que exerceu um trabalho considerado masculino. Na perspectiva interseccional os marcos sociais apontados como características pessoais por Heloísa Helena Ferreira Duarte enriquecem a abordagem expositiva, pois além de serem combustível para sua militância na causa LGBT, a tornam pessoa de destaque na sociedade por manter ativamente sua profissão, conforme documentário Margens (GEEUR, 2019).

A curadoria trouxe para o contexto expográfico uma nova forma de elaborar significados em torno do patrimônio (MARTINS, 2021), isto é, apresentar uma placa de rua com o nome da ativista Juliana Martinelli, falecida em 2017, ultrapassa o simples significado desta placa, mas destaca os termos nela descritos (Figura 13): *Travesti Juliana Martinelli* destacou sua identidade trans.

Figura 13 - Placa na Esquina Travesti Juliana Martinelli



Fonte: MARTINS, 2021 - Foto: Maria Waleska Peil Martins, 2019.

Das margens ao museu:
narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

A placa original situa-se na esquina das Ruas Barão de Santa Tecla e Doutor Cassiano, em Pelotas, imprimindo o significado deste objeto que passa pela compreensão dos fatores subjetivos e objetivos envolvidos nessa construção de sentido (ARAÚJO; GRANATO, 2018); a pauta de reconhecimento LGBT é vivenciado na comunidade pelotense em direção a normatizar iniciativas como essa, que rompem os estigmas e oportunizam novas ações.

Em protesto contra as mortes devido à LGBTfobia, a curadoria trouxe para a cena duas histórias que refletem a realidade diária vivida por essa população. A imagem das mulheres-trans assassinadas, Brenda e Alanis (Figura 14), sustenta os dados de que o Brasil ocupa o topo do *ranking* dos países que mais matam pessoas da comunidade LGBT, consequentemente, um dos mais inseguros para essa população.

Figura 14 - Brenda Lee Di Founton e Alanis Burgo Foram Assassinadas em Pelotas.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Pelotas - Foto: ASCOM PM de Pelotas

Enquanto edificadores da própria memória, curadores e curadoras trouxeram para esse contexto expositivo as dores, os marcadores sociais, bem como as atuações coletivas para a preservação dos direitos ligados às questões LGBT.

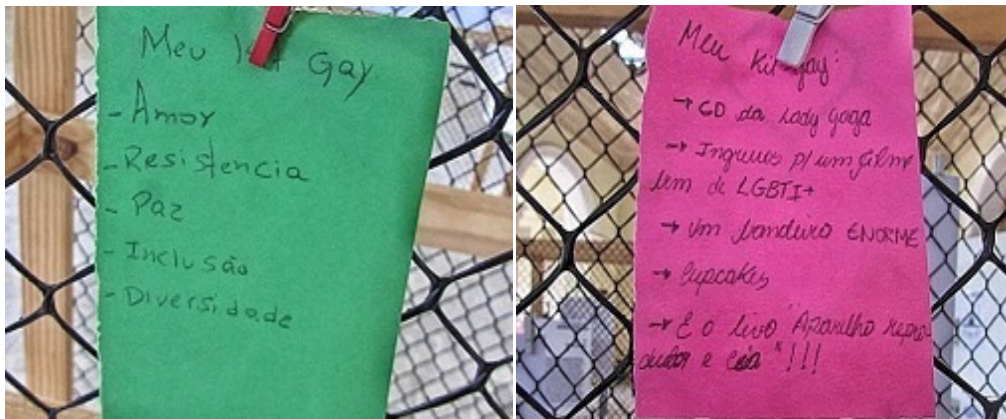
Com a proposta de pensar nas distorções que as *fake news* provocam, foi proposta a crítica e a ressignificação do denominado *Kit Gay*, de modo a provocar instabilidade no meio disseminado. Para cumprir esse objetivo da mostra, os visitantes eram convidados a escrever a receita do seu *Kit Gay* e a deixar esses registros pendurados por prendedores na tela que envolvia o dispositivo expográfico (Figuras 15 e 16) para que fossem lidos por outras pessoas. Assim, foi realizado o convite *Faça seu Kit Gay*:

Tu sabes o que é um *kit gay*? Aqui trazemos uma proposta diferente. Usamos esse termo, considerado pejorativo, como algo a ser visto com um novo significado. O nosso *Kit Gay* é um conjunto de saberes, emoções, objetos e mídias sobre e para a comunidade LGBTQIA+ que torna a escola um lugar de acolhimento e respeito. Trazemos um *Kit Gay* que também é Lésbico, Bissexual, Transexual, Travesti, Intersexual e muito mais. A escola é um dos espaços que mais maltrata, fere e discrimina a população LGBTQIA+ e essa realidade precisa ser modificada. Assim, os tantos *Kit Gays* aqui pre-

sententes não são doutrinadores ou impróprios, como alguns podem querer afirmar, mas são vivências e demonstrações de que falar sobre determinadas e variadas temáticas é, em todos os momentos, a melhor ferramenta. (MARTINS, 2021: 59)

O retorno do visitante a essa proposta foi imediato (Figuras 15 e 16), tendo participação desde o primeiro dia, e foi aumentando no decorrer da exposição (MARTINS, 2021).

Figuras 15 e 16 - Exemplos do Kit Gay do Visitante



Fonte: MARTINS, 2021 - Foto: Marcos Fernandes, 2019.

Esta atividade interativa apresentou alto poder criativo, proporcionou o sentimento de pertencimento ao evento e aproximou os visitantes da mostra.

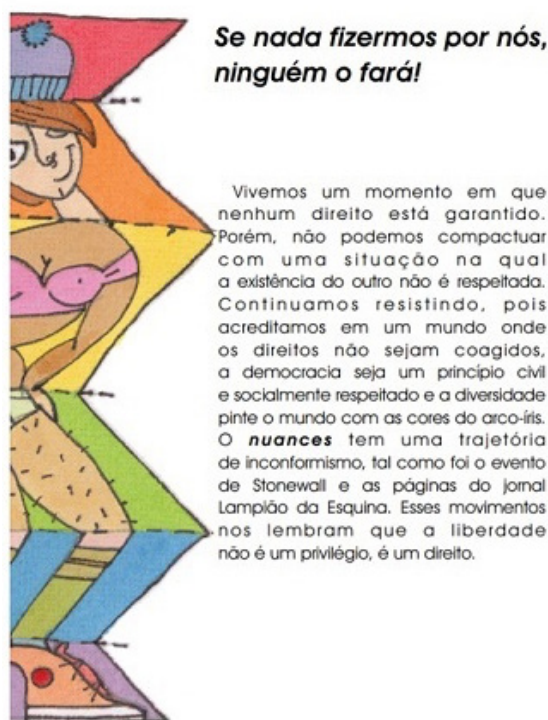
O percurso da memória LGBT é, em grande parte, uma trama que é tecida por histórias orais, sem muitos elementos tridimensionais que a representem. Desse modo, o recurso textual foi vastamente utilizado nesta mostra, pois consolida parte dessa história rica em possibilidades e desdobramentos para a população LGBT.

Neste sentido, ressaltamos as mesmas dificuldades já mencionadas nos eventos anteriores, em que os coletivos LGBT apresentaram sua memória por meio de materiais gráficos com boa preservação, além de relatos escritos e orais. Porém, a preservação da materialidade desses personagens, a exemplo das indumentárias, ainda se encontra em aberto e se faz necessária, pois esses artefatos permitem visualizar ícones carregados de significação, e que, no futuro, poderão estar ausentes das coleções museológicas e das memórias LGBT.

Nesta perspectiva, esses coletivos compreendem esse desafio e atuam pela continuidade dos repertório culturais LGBT, inclusive, através dos artefatos, e que deles seja possível denotar características, idiossincrasias, hábitos (BENARUSH, 2012), enfim registros das memórias de determinado local e tempo. Por exemplo, o acervo do Grupo TAMBÉM abrange além de camisetas, matérias de jornal e revistas, fotografias da Parada da Diversidade, entre outras ações do grupo na região de Pelotas (MARTINS, 2021). No entanto, este acervo não havia passado pelo processo de salvaguarda até o referido evento. Desse modo, a falta de acervo, decorrente do pouco interesse das instituições museológicas, entre outros processos, torna invisíveis as memórias LGBT, aspecto a ser enfrentado por essas organizações.

Neste sentido, o texto *Se nada fizermos por nós, ninguém o fará!* (Figura 17), exibido em um painel no final da exposição, retoma a importância da militância e que a liberdade não é um privilégio e sim um direito de todos na sociedade.

Figura 17 - Texto Final da Exposição



Fonte: Acervo Projeto de Memória UFRGS, 2019.

É importante destacar que esta curadoria compartilhada envolveu um grande número de profissionais, localizados em duas cidades separadas por 260 km. Foram 12 curadores do *nuances*, 11 curadores do Curso de Museologia da UFRGS, 18 curadores de Pelotas e ainda mais três grupos pelotenses: Grupo de Estudo Etnográficos Urbanos da UFPEL, Núcleo de Gênero e Sexualidade da UFPEL e TAMBÉM Pelotas - Grupo pela Livre Expressão Sexual.

Assim, essa exposição deu seu tom contestador e de relevância social em todos os momentos; a cada novo núcleo, as representatividades contidas neles foram resultado de profundo conhecimento da problemática e das vivências dos agentes envolvidos.

Considerações Finais

É consenso entre os profissionais do campo, que a Museologia não pode mais se furtar a abordar a problemática LGBT e as inúmeras lutas que os brasileiros travam nos seus cotidianos: lutas dos povos originários, das comunidades negras, das pessoas com deficiências, entre outros grupos.

As práticas expográficas aqui analisadas tiveram um elo comum: o grupo *nuances*. Em vista disso, foi possível investigar propostas únicas, nas quais cada exercício expográfico se constituiu de forma singular, seja pelo espaço alocado, seja pela proposta acolhida ou pela motivação engendrada. No que tange aos docentes e discentes do Curso de Museologia da UFRGS, enquanto curadores, ao exercerem seu ofício ficou nítido que as escolhas foram conscientes no sentido de comunicar as ideias desejadas. Em todas as propostas pode-se considerar que eram exposições dinâmicas, informativas e que estimulavam o visitante a permanecer no evento e querer vivenciar a experiência.

Na primeira experiência, a Exposição *Uma Cidade Pelas Margens* (2016), a narrativa foi direta e objetiva trazendo ao centro do palco a violência real e virtual. Assim a curadoria ultrapassou a dor e optou por lembrar para não esquecer. Desse modo, a exposição museológica se constituiu em espaço de reflexão sobre diferentes formas de ser, pensar e estar no mundo, alinhando-se às perspectivas que abrem os museus para as questões colocadas pela diversidade de grupos da sociedade, entre os quais os coletivos LGBT.

Na Exposição *De Stonewall ao nuances: 50 Anos de Ação* (2019), o propósito foi celebrar a Revolta de *Stonewall* e os 28 anos de militância do grupo *nuances*. O espaço cedido pelo Memorial do Rio Grande do Sul permitiu uma ampla circulação entre três ambientes, promovendo uma ótima fruição pelos núcleos expositivos. Pela localização do espaço, a mostra trouxe a temática LGBT para o Centro Histórico de Porto Alegre, justamente para o edifício ao lado da instituição onde foi sediada a exposição *Queer Museum*, censurada pelo próprio realizador, e vista por pouquíssimos visitantes. Do ponto de vista simbólico, *De Stonewall ao nuances* também foi um movimento de resistência ao ocorrido em 2017, na cidade. Além disso, ultrapassou as fronteiras da capital gaúcha e rumou ao Sul do Estado, sendo montada também em Pelotas,

As práticas de curadoria compartilhada foram citadas por todos os entrevistados como um desafio na concepção e montagem das exposições; extremamente exitoso em sua execução e aplicabilidade, pois o ganho deu-se nas possibilidades que se ampliaram e em propostas para resolver qualquer tópico. Nesse sentido, o encontro entre esses dois mundos, aqui analisados pela aproximação desses sujeitos, apresenta grande potencialidade para formação de futuros profissionais museólogos atentos às problemáticas sociais e, por outro lado, contribuem para a construção das memórias desses grupos fragilizados e para a visibilidade de suas causas.

Os benefícios reverberam em todos os sentidos: por um lado, museus e processos museológicos preocupam-se com pautas de cunho social; por outro lado, o coletivo expressa credibilidade às minorias que nele se apoiam, pelo simples fato de frequentarem um espaço de relevância, legitimidade e empoderamento social, o museu. Nesse movimento, a Museologia se constitui no baluarte teórico e metodológico que proporciona *conhecimento a ambos*.

Em síntese, mantemos a crença de que a Museologia, por meio de seus agentes, pode tornar os museus e outros espaços de memória, lugares de resistência e de enfrentamento à violência, ao preconceito e à discriminação com o propósito de criar uma sociedade que respeite as diferenças e contemple em suas políticas públicas a saúde, o bem estar e a visibilidade de grupos colocados à margem, entre os quais o LGBT.

Referências

ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus. Da axiologia à museologia: o conceito de valor em reflexão. *Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação*, n. XIX ENANCIB, 2018.

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; WICHES, Camila Moraes. O que é Museologia LGBT? In: Allinny Raphaele, Ana Audebert, Camila Moraes Wichers, Jean Baptista, Jezulino Lúcio Mendes Braga, Marlise Giovanaz e Tony Boita (Orgs). *Revista Memórias LGBT*. Ed. 12. Ano 7. 2020.

Das margens ao museu:

narrativas expográficas LGBT no Sul do Brasil

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. *Museologia Comunitária, Comunidades LGBT e Direitos Humanos: Estratégias de Superação de Fobias À Diversidade Sexual no Brasil*. In: *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, Florianópolis, v. especial, n. 1, 2017.

BARNART, Fabiano; BAUER, Letícia. “Sabia que Estaria Aqui”: relatos sobre os processos criativos do Projeto Uma Cidade pelas Margens. *Revista Latino Americana de Geografia e Gênero*. Vol. 8, n° 1, p. 438-467, 2017.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. In: *Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 113–117, 2012. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/121>. Acesso em: 17/10/2021.

BOITA, Tony. *Cartografia etnográfica de memórias desobedientes*. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CHAGAS, Mário S.; PIRES, Vladimir Sibylla (ORGs.). *Território, museus e sociedade: práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

CURY, Marília Xavier. O Protagonismo Indígena e Museu: abordagens e metodologias. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 14–21, 2021.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. [S.l.: s.n.], 2006.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Florianópolis: FCC, 2014. 98p.

Documentário Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas/RS. Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS. 2019. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/sobre-elas/> Acessado em: 12/10/2021.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. GIOVANAZ, Marlise Maria. Uma Exposição em Nuances. In: *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências / Hilda Jaqueline de Fraga et al. (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. (p. 23-44).*

GIOVANAZ, Marlise. Uma Exposição em Nuances. *Experimentações do patrimônio: diversidades e resistências*. FRAGA, Hilda Jaqueline de (Orgs). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. p. 24-27.

GIOVANAZ, Marlise. Uma Reflexão sobre a Participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”. In: *Seminário Brasileiro de Museologia: Democracia: Desafios Para a Universidade e Para a Museologia*. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2019. p. 432-442.

GOLIN, Célio. *nuances 25 anos*. Uma trajetória inconformada com a norma. Ed. nuances-Grupo pela Livre Expressão Sexual. Porto Alegre. RS. Brasil. 2017.

LEITZKE, Maria Cristina Padilha. POSSAMAI, Zita Rosane. Curadorias Compar-

tilhadas: um estudo sobre as exposições realizadas no museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002 a 2009). In: *Atas do Seminário Internacional O Futuro dos Museus Universitários em Perspectiva*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Biblioteca Digital. Porto. 2014.

MACHADO, Frederico Viana, MATTOS, Renan. Seminário Éba! Viado na pista! Nuances: 24 anos nas ruas - Gênero, sexualidades, saúde, educação, política e cultura LGBTT. In: *Revista da Extensão*. v. 12. 2017.

MARTINELLI, Coletivo T Juliana. Pelotas, Outubro, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivotjulianamartinelli/> Acessado em: 21/10/2021.

MARTINS, Maria Waleska Siga Peil. *Política, memória e representação LGBT em espaços expositivos: estudo da exposição 50 anos de ação - de Stonewall ao Nuances & TAMBÉM*. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado de Museologia na Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2021.

MELO, Roberta Madeira de. POSSAMAI, Zita Rosane. As Revistas As Revistas do Museu Júlio de Castilhos e a exposição Memória e Resistência: reflexões sobre representações descolonizadas. In: *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 10. n° 19. 189-202. 2021.

MINOM. Movimento Internacional para uma Nova Museologia. 2013.

MOUTINHO, Mário C. (2014). Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. In: *Museologia Social. Cadernos do Ceom*. Ano 27, n° 41. Chapecó: Unochapecó, 423-427.

ONG TAMBÉM - Grupo Pela Livre Expressão Sexual fundada em 2002 e sede na cidade de Pelotas/RS - Disponível em: <https://grupotambem.blogspot.com/2012/09/palestra-transsexualidade-e-performance.html> Acessado em: 15/10/2021.

RICOEUR, P. *O justo I: a justiça como regra moral e como instituição*. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2008.

RUSSI, Adriana. ABREU, Regina. "Museologia colaborativa": diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre. Ano 25. n° 53, p. 17-46. 2019.